

MARXISMO E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UMA REFLEXÃO (IM) PERTINENTE

Lucelmo Lacerda¹ / Prof^aDr^aMaria Aparecida Chaves Ribeiro²

¹UNIVAP/ISE, R. Poá, 99, Enseada, São Sebastião

² UNIVAP/Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica – Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova
lucelmo@yahoo.com.br papali@univap.br

Resumo- Trata-se de uma reflexão teórica sobre os entroncamentos entre a Teologia da Libertação e o marxismo, analisar-se-á a presença do marxismo enquanto projeto político e enquanto método na epistemologia da Teologia da Libertação TL a partir de textos seus e de fontes secundárias que se propõem a essa mesma análise ou correlata.

Palavras-chave: Teologia da Libertação. Marxismo. Socialismo. Religião.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

A Teologia da Libertação TL entrou em crise concomitantemente com a crise do projeto político marxista, isto é, no começo dos anos 90, por ocasião da dissolução da União Soviética. Entretanto, ainda hoje o debate sobre a relação entre um e outro é atual.

Pensa-se sobre a imprescindibilidade do projeto político marxista para a ascensão da TL enquanto força hegemônica na Igreja Católica na América-Latina.

É nesse contexto que cabe o presente artigo, de pensar essa relação em termos epistemológicos.

Materiais e Métodos

Partimos de alguns pressupostos básicos do marxismo em relação a alguns textos que tratam do processo formulativo da TL, percebendo seus entroncamentos.

Essa é uma reflexão teórica e como tal também recorre a fontes secundárias que pensam o tema, colocando-os face-a-face com nosso objeto de estudo e formulando novos termos para a compreensão do assunto.

Resultados

A Teologia da Libertação – TL foi engendrada na América Latina a partir dos anos 60 e nasceu do confronto da prática pastoral com a realidade latino-americana. Os evangelizadores que trabalhavam nas áreas mais empobrecidas de nosso continente começam a desempenhar um papel não somente de consolador, mas de entusiasta da luta do povo por melhores condições de vida, melhores salários, moradia, etc., essa prática viria posteriormente a desencadear um processo capaz de intervir decisivamente na Conferência Geral dos Bispos da América Latina de 1968, na cidade de Medellín, na

Colômbia, com a aprovação da “opção preferencial pelos pobres” tão polêmica, pelos Bispos deste continente.

Essa experiência de prática de organização popular começou a ser sistematizada primeiro no documento eclesial do encontro já citado e depois ganhou o nome de Teologia da Libertação pelo Padre Gustavo Gutiérrez e a partir de 1971 ganhou a adesão do inspirado teólogo Leonardo Boff, seu principal formulador (BOFF & BOFF, 1985). Rose Marie Muraro, uma das principais pensadoras da TL e do movimento feminista no Brasil assim define a gênese da TL “D. Hélder foi na frente fazendo e o Leonardo Boff foi atrás, só escrevendo o que ia acontecendo, por que o movimento não é o teólogo que faz, ele só sistematiza”. (MURARO, 2003)

A TL passa a ser a corrente de maior dinamismo e influência no interior da Igreja nos anos 70 no conjunto da América Latina e encontra uma realidade muito dura a combater. Ditaduras militares em todo o continente instalavam um clima de terror na população, sobretudo devido às políticas sistemáticas de tortura e assassinatos patrocinados pelas respectivas ditaduras. (BOFF & BOFF, 1985)

A TL teve a princípio, uma resistência de grande parte da estrutura eclesial, chegando às raias da convivência deste clero desconfiado, com a prisão de religiosos ligados à TL, pela ditadura militar, com sério risco de assassinato destes religiosos. Quando por ocasião da prisão dos freis dominicanos no governo do ditador Médice, no Brasil, sob a acusação de ligação com o maior inimigo da ditadura neste país, Carlos Marighela, um membro do alto clero da Igreja no Brasil, quando entrevistado, declarou que se os religiosos não foram presos comungando não era um problema da Igreja (BETTO, 2003). Entretanto, essa não era, já desde o fim dos anos 60, uma posição majoritária na Igreja.

Alguns religiosos inicialmente conservadores sofreram um processo de transformação e aderiram à TL, como D. Cardeal Paulo Evaristo Arns, em São Paulo, que foi o principal defensor dos Direitos Humanos no Brasil durante a ditadura militar e reconhecido internacionalmente por sua atuação. (JURKEVICS, 2005)

Outros Bispos foram de fundamental relevância neste processo de engajamento da Igreja nos movimentos de resistência social: D. Hélder Câmara, D. Pedro Casaldáliga, D. Angélico, D. Cláudio Hummes (que depois aderira ao conservadorismo), D. Tomás Balduino, D. Antônio Fragoso, D. Moacir Grechi, D. Luís Fernandes, D. Waldyr Calheiros, D. José Rodrigues além de muitos outros, sem falar nos milhares de Padres.

Mas a grande maioria de defensores da TL se dá no âmbito dos leigos, dos militantes das mais variadas pastorais, espalhados em todo o continente Latino-Americano.

Entretanto, a TL foi constituída através de um esforço, sugerido pelo Vaticano II, de utilizar-se do instrumental científico para auxiliar na tarefa da evangelização. E neste processo, ao utilizar-se do instrumental da sociologia e da história para encontrar os motivos da pobreza latino-americana verificou-se como culpada a exploração secular implementada primeiro pela empresa colonial e depois pelo capitalismo que “exporta a pobreza” dos países centrais para os países periféricos.

Então, para que se pudesse entender melhor a estrutura de exploração, fez-se mister a apreensão do conjunto teórico do marxismo e assimilação do conceito de luta de classes.

Na leitura marxista surgida nos anos 60, a luta de classes, o motor da história, não se restringia à esfera estrutural, em categorias estáticas de proletariado e burguesia, como entendia o marxismo ortodoxo (que tem Althusser como principal expoente). A luta de classes, para esse novo grupo, permeava todas as relações humanas socialmente construídas: as relações de gênero, as relações étnicas e a religião com suas instituições.

Essa afirmação, de que as relações de classe permeiam as relações religiosas, de que a lógica da concentração dos meios de produção privilegiando sua classe dominante se aplica também à religião, com uma máquina de produção eclesial privilegiando sua classe hegemônica, (BOFF, 1982) desencadeou um largo processo de reflexão sobre toda a produção eclesial da história da Igreja.

Com o instrumental da sociologia crítica e história da Igreja, desvelam-se as relações de classe presentes na Igreja na transformação de Eklésia de “assembléia de leigos” para “corpo clerical”, da mudança na forma de escolha dos Bispos de eleição pelos leigos até a indicação papal, na própria organização da Igreja sob a proeminência do Bispo de Roma, doravante chamado de Papa. Em todas essas transformações

no seio da Igreja passou-se a compreender o caráter de classe e por conseguinte, questionar essas premissas organizacionais e dogmas da Igreja oficial.

O cume do questionamento da TL à Igreja oficial foi o livro “Igreja, Carisma e Poder” de Leonardo Boff, condenado pelo Vaticano (o autor da condenação foi Joseph Ratzinger, que depois se tornaria Bento XVI) em que muito contundentemente se apontava a hierarquia (estrutura de poder) da Igreja como anticristã e apontava a Hierodulia (estrutura de serviço) como estrutura ideal indicada por Cristo, propunha uma Igreja que valorizasse e se fundasse nos carismas, sobretudo na valorização do ministério leigo. (BOFF, 1982)

A condenação ao livro de Boff foi, na verdade, a condenação da Teologia da Libertação (BOFF, 2003) e não foi um caso isolado, no pontificado de João Paulo II, 140 teólogos foram condenados (CARVALHO, 2005). Porém, o caso de Boff foi emblemático, por que se tratava do maior expoente da TL e estava dentro de uma política sistemática que passou desde a fragmentação do Arcebispado de São Paulo (visando enfraquecer seu líder, D. Paulo Evaristo Arns) entre outros.

Num segundo momento do papado de João Paulo II, aquele em que entram na cena os Sacerdotes ordenados por ele, passa a vigorar uma nova realidade no conjunto da Igreja. João Paulo II caracterizou-se pela mais ortodoxa posição face ao problema da moral, sobretudo no que diz respeito ao sexo e ao uso de contraceptivos, além de ter elevado a questão da ordenação de mulheres e casamento de padres ao status de dogma, quando na verdade diz respeito a uma questão puramente organizacional da Igreja.

Estas posições conservadoras, ou eram comungadas plenamente pelos sacerdotes (ou pretendentes desta posição), ou sua ascensão era terminantemente negada, de modo que se criara uma uniformidade de pensamento no corpo da Igreja em oposição à maioria dos fiéis, ou seja, passou-se de um clero com possibilidades progressistas a um clero adepto do pensamento único e defensor das mais conservadoras posições. (CAHIL, 2005)

Mas essa história de se articular uma reformulação da Igreja ainda mais ousada que o Concílio Vaticano II vem ainda de mais longe do que na sistematização da TL, na verdade, durante o Concílio Vaticano II começou-se a articulação para um Concílio Vaticano III, que viria a ser o grande projeto da TL. Esse projeto mereceu articulações por parte de D. Hélder Câmara e Ivan Illich, logo ao final do Concílio Vaticano II, deslocou Luiz Alberto Gómez de Souza até Cuavernaca, no México nesse processo e mereceu também atenção especial de Alceu Amoroso Lima. (SOUZA, 2000)

Discussão

A mais comum acusação à TL é de que ela é uma teologia simplesmente política, marxista e, portanto atéia e negadora dos princípios fundamentais da Igreja, sobretudo, a infalibilidade papal¹ e a verdade inquestionável dos dogmas.

Vejamos a questão do marxismo. Marx foi um estudioso da sociedade e seu patrimônio teórico é bastante vasto, desvendando os fortuitos mecanismos do funcionamento do capitalismo e também fez uma porção de considerações filosóficas e outras estratégicas, que tinham por objetivo pensar os caminhos da revolução socialista e abrir os caminhos para a aplicação da economia planificada.

Entre as afirmações de caráter filosófico estava a de que a “religião é o ópio do povo” (MARX, 1986), tão célebre frase que no contexto devido dizia que os humanos viviam explorados e inconscientes desta exploração, encontravam elementos ilusórios que lhes oferecesse algum tipo de compensação por seu sofrimento. A religião daquele tempo oferecia exatamente isso, funcionava como o ópio, droga narcotizante que alivia momentaneamente as dores numa espécie de ilusão.

Marx acreditava também que se devia fazer a revolução, instaurar um governo do proletariado e que impusesse as relações socialistas e a proibição do mecanismo capitalista de apropriação dos meios de produção, isto quer dizer que as relações de exploração seriam abolidas, motivadoras de todo sofrimento e, portanto, das dores da sociedade, aquelas mesmas motivadoras do uso da religião como ópio. Findando-se, portanto, esse sofrimento, não se precisaria mais da religião e esta se extinguiria naturalmente no decorrer dos tempos. (MARX, 1986)

O fato é que os comunistas da União Soviética entenderam de maneira equivocada a posição de Marx e instalaram a ditadura do terror, implementando a proibição da profissão de fé, o que gerou um clima de absoluto terror no conjunto da Igreja e a partir de então, tudo o que cheirasse a marxismo era de imediato refutado pela Igreja, o que motivou essa leitura da TL e sua parcial condenação.

A TL aponta que o instrumental marxista é utilizado na questão dos conceitos que dizem respeito ao entendimento da estrutura de dominação e mais que isso, que sua inspiração não

é o marxismo, e sim a inspiração religiosa. D. Hélder Câmara, numa entrevista nos EUA, quando questionado se era marxista respondeu “eu não sou marxista, quem precisa de Marx quando se tem Jesus Cristo?” (BETTO, 2006:02).

Apontavam sim, por outro lado, que sua taxaçoão como marxista tinha um fundo de classe, que a condenação a essa teologia era na verdade a condenação de um modo de ser Igreja, de se posicionar na Igreja, pois desafiavam interesse da classe dominante. Noutra ocasião, ainda D. Hélder disparou “quando dou comida aos pobres me chamam de santo, quando pergunto por que eles têm fome de chamam de comunista!” (BETTO, 2006:03).

Um indicativo, em consonância com o que afirmamos, sobre o papel do marxismo na TL está no trecho citado:

O uso do marxismo na Teologia da Libertação possui fundamentação histórica e epistemológica. A primeira refere-se à ligação existente entre marxistas e cristãos na América Latina no bojo das lutas populares no confronto com os regimes totalitários que cometeram violência e opressão. A segunda diz respeito à necessidade de toda teologia de utilizar uma determinada mediação filosófica ou científica. A Teologia da Libertação não se apropriou do marxismo materialista dialético que absolutiza a matéria e nega a misteriosidade de Deus. A influência de Marx no complexo teológico libertador é a de um Marx humanista, não dogmático, nem economicista e nem materialista ingênuo. Aceita-se Marx enquanto crítico social que ajuda a analisar com profundidade a sociedade para poder transformá-la e, no caso da interpretação cristã, de acordo com os valores da fé. (GONÇALVES, 2000)

Leonardo Boff além de Marx a partir dele próprio quando lança o livro “Teologia do Cativo e da Libertação”, o autor afirma a historicidade e estreiteza de toda construção humana. Assim, qualquer sociedade que construirmos estará repleta de imperfeições que tolherão nossa liberdade e plena realização, configurando-se em um cativo a ser superado por uma realidade mais aberta, entretanto, doente do mesmo mal, também a ser superado, perpetuando o fio da história e rejeitando qualquer “filosofia da história” que culminaria num “Fim da História”.

Conclusão

Marx tem presença garantida na Teologia da Libertação, não enquanto projeto político de um socialismo científico ou de uma filosofia da história que caminha ao comunismo, mas sim enquanto método da dialética na interpretação histórica.

Marx também está presente na análise do capitalismo enquanto sistema de exploração, negador da potencialidade humana, bem como na idéia dos trabalhadores como sujeitos de sua própria emancipação.

Ao fim das contas, o marxismo adentrou pela porta dos fundos no cristianismo, simplesmente para analisar a realidade estrutural, a ser posteriormente julgada pelos valores cristãos, mas

¹ A polêmica acerca da infalibilidade papal foi uma das protagonistas da desavença do Vaticano para com o livro “Igreja, Carisma e Poder”, de Leonardo Boff em que o autor chega a dizer que se o Papa é infalível, se nunca erra, então ele é o próprio Deus, numa referência irônica ao dispositivo canônico. Em: RAHM, Haroldo J. & LAMEGO, Maria; Sereis Batizados no Espírito; São Paulo; Edições Loyola; 1972 diz-se do Papa: “O Cristo Visível na Terra”;

acabou constituindo um elemento nuclear na formulação da TL, por que desvelou seu entorno.

Bibliografia

1. BETTO, Frei; **Batismo de Sangue**; São Paulo; Civilização Brasileira; 1982;
2. BETTO, Frei; **O que é Comunidade Eclesial de Base**; São Paulo; Brasiliense; 1981;
3. BOFF, Clodovis; **Carismáticos e libertadores na Igreja**; REB 237; Petrópolis, RJ; Vozes; 2000;
4. BOFF, Leonardo; e BOFF, Clodovis; **Como fazer Teologia da Libertação**; Petrópolis, RJ; Vozes; 1985;
5. _____; Entrevista dada à revista Caros Amigos em junho de 1998;
6. BOFF, Leonardo; **ética da Vida**; Brasília; Letra Viva; 1999;
7. _____; **Igreja, Carisma e Poder**; Petrópolis; Vozes; 1982;
8. CACHILL, Thomas; **Ele foi quase o oposto de João XXIII**; O Estado de São Paulo; 6 de abril de 2005;
9. CARVALHO, Cônego José Geraldo Vidigal de; **Julgamentos Apressados**; Artigo publicado e extraído em, Rede Inaciana: <http://www.redeinaciana.com.br/artigos.asp> em 2005;
10. FARIAS, Damião Duque de; **Em Defesa da Ordem, Aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930-1945)**; São Paulo; Hucitec; 1998;
11. FERNANDES, Sílvia Regina Alves; **Diferentes olhares, diferentes pertencas: Teologia da Libertação e MRCC**; Revista de Estudos da Religião – REVER, nº 3, 2001; em www.pucsp.br/rever em 2005;
12. GONÇALVES, Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes; **Epistemologia e método do projeto sistemático da TL**; REB 237; Petrópolis, RJ; Vozes; 2000; pág. 153 e 154;
13. JURKEVICS, Vera Irene; **Renovação Carismática Católica: Reencantamento do mundo**; www.ufpr.br; 2005; pág. 3;
14. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich; **O Manifesto Comunista**; São Paulo; Editora Anita Garibaldi; 2001;
15. MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2. ed. – São Paulo : Livraria Martins Fontes, 1983
16. MURARO, Rose Marie; Palestra realizada na UNIVAP, em São José dos Campos em 25 de junho de 2003, no auditório do Campus Aquários;
17. SOUZA, Pe. Luiz Alberto Gómez de; **As CEBs vão bem obrigado**; REB 237; Petrópolis, RJ; Vozes; 2000; pág.98;
18. TILLESSE, Pe. Caetano Minette de; **A Teologia da Libertação à Luz da Renovação Carismática**; São Paulo; Edições Loyola; 1989; 5ª Ed;